

JOAQUIM LOPES BARBOSA

1944-2021

Nota biográfica

Joaquim Lopes Barbosa nasceu em 1945, no Porto, foi para Angola no final dos anos 60. Lá escreveu críticas de cinema, fascinado pelos novos cinemas do Brasil e do mundo. E lá tomou consciência da violência e da injustiça do colonialismo. Fez contactos com escritores - Viriato da Cruz, António Jacinto, entre outros - e militantes independentistas.

Foi em Angola que assistiu ao filme *Zé do Burro*, e conheceu o realizador Eurico Ferreira. Detestou o filme mas entendeu que em Moçambique havia meios e estruturas de produção, o que não era o caso em Angola. Decidiu a fazer cinema, foi então até Lourenço Marques onde Eurico Ferreira o apresentou ao produtor Courinha Ramos. Convenceu-o a dar-lhe emprego na produtora e começou a trabalhar em publicidades e documentários. *“Fiz uma aprendizagem completa em 35 mm porque faziam tudo em 35 mm, com Arriflex. Comecei por ser assistente de camera, depois camera, montador e finalmente realizador.”* Em Moçambique descobre *Nos matamos o cão tinhoso*, livro de Luis Bernardo Honwana. *“Conhecia a poesia angolana, nomeadamente o poema de Antonio Jacinto, Monangamba”* cujo verso *Deixem-me ao menos subir às palmeiras* dá o título ao filme. *“O que o poema dizia em relação à vivência do negro trabalhador, encontrei esta mesma vivência no conto chamado “Dino”, inserido no livro “Nos matamos o cão tinhoso”.*

Mostra a Courinha Ramos a curta metragem *O Regresso* que tinha realizado em Angola e convence-o a dar-lhe meios para realizar uma ficção inspirada do conto de Honwana. *“O texto já era cinematográfico, tinha tudo”.* O produtor dá-lhe película 35 mm P&B, equipamento e equipa. O realizador acrescenta o parto no início do filme, o cantor debaixo do imbondeiro. *“Acrecentei também a morte do Mandala, e a revolta dos trabalhadores, que não está no conto. Os trabalhadores vão dar pancada no capataz que é salvo pelo maxambeiro. Depois no final do filme, o ritual de enterramento. E no fim vê-se a partida de Dino.”* Nas filmagens, Lopes Barbosa conta com o apoio do artista Malangatana *“meu braço direito na construção do filme, no sentido de arranjar a sinergia africana para o filme, da parte dos actores, músicos”.* Durante as filmagens ambos são interrogados pela Pide que os vigia de longe. Mas a rodagem continua porque *“Courinha Ramos era um produtor que trabalhava para o regime, não estava suspeito de maneira nenhuma”.* O realizador sabia o que fazia: *“Era uma proposta muito radical. As cedências que fiz: o capataz branco e não negro, criei o machambeiro, mas na fase da montagem achei que deveria dobrar em inglês porque se fosse português era ... atrevimento demais. Mas não tirou nada em relação à proposta de ação revolucionária e de denuncia das condições em que as pessoas viviam em Africa, nas colónias portuguesas.”*

O filme vai à censura em final de 73 e é imediatamente proibido. Lopes Barbosa embarca precipitadamente para Lisboa e o filme fica nas mãos de Courinha Ramos. Dá-se o 25 de Abril, Courinha Ramos vem a Lisboa com o filme e juntos fazem cópia 35 mm e 16 mm na Tobis. A estreia em Lourenço Marques é prevista para 7 de setembro 1974, com ante estreia no dia 6 com imprensa e convidados, mas dão-se os acontecimentos de 7 de setembro, exatamente o data da chegada de Lopes Barbosa. *“Courinha Ramos ficou com medo de o filme estar em exibição naquele período, quando os colonos se revoltam.”* Em Maio 1975, volta a Portugal onde fica até final dos anos 80, realizando documentários. Finalmente regressa a Maputo onde tem feito trabalhos de produção, até recentemente.

As citações são extraídas da entrevista de Lopes Barbosa, entrevistado por Orlando Sérgio em *Fantasma do Império*. Talvez tenha sido a sua última entrevista.

Ariel de Bigault